

## Práticas Interdisciplinares em Mídia e Educação: o cinema desvelando fronteiras no espaço escolar

*An Interdisciplinary Practice between Media and Education: movies uncovering boundaries in the school environment*

*Prácticas interdisciplinarias en los medios de comunicación y educación: el cine desvelando fronteras en el espacio escolar.*

Hêlena Paula Domingos<sup>1</sup>  
Denise Rosana da Silva Moraes<sup>2</sup>

**Resumo:** A leitura contemporânea da realidade social está mais do que nunca mediada pelas mídias que comunicam de diferentes formas, e isto contribui para ampliar a necessidade de inseri-la efetivamente à educação. Ou seja, a tecnologia remete hoje, não a alguns aparelhos, mas, sim, a novos modos de percepção e de linguagens, a novas sensibilidades e escritas. Neste contexto, este artigo objetiva a reflexão interdisciplinar acerca do caráter pedagógico das produções cinematográficas, e compreende a mídia audiovisual como uma expressiva imagem do nosso tempo. Assim, tendo como referência o filme “1984”, oriundo da obra literária homônima de George Orwell (1903-1950), pretende pautar o debate entre a educação e o cinema. Essa obra literária tem a relevância de perpassar os diferentes campos do saber numa perspectiva interdisciplinar. Com a premissa de que os produtos da mídia são registros históricos de uma época, e, portanto, passíveis de serem vistos como reveladores de valores e significados culturais, que contribuem para desvelar a realidade. Assim, indaga: A mídia cinematográfica contribui pedagogicamente para compreender a realidade criticamente? Por essa senda a dialética da palavra e da imagem configura-se numa constante estrutura dos signos que uma cultura reúne à sua volta, de maneira que a trama urdida no papel possa traduzir-se intersemioticamente em cores, sons, imagens, luz e sombra. O aporte teórico deste artigo tem por base axiológica os Estudos Culturais, que enfatiza objetos das margens, como o cinema adentrando o espaço educacional e da sala de aula, e a literatura em si, como objeto da cultura preconizador do conhecimento e da educação. Embasada metodologicamente nas bases da pesquisa bibliográfica e análise fílmica, tem como pressuposto pautar essa aproximação entre a mídia cinema e a educação. Como resultado, problematiza questões humanas, que na roupagem das alegorias ficcionais, tendem a descortinar o mundo real, com vistas a transformá-lo.

**Palavras-chave:** Formação de Professores. Mídia Cinematográfica. Interdisciplinaridade

**Abstract:** *The modern reading of social reality is more than ever before dealt with by the media, which communicates in different ways, and that contributes to widening the need to effectively place such media inside education. Which means these days technology refers not to certain devices but, actually, to new ways of*

<sup>1</sup> Mestranda na Universidade Estadual do Oeste do Paraná -UNIOESTE – campus Foz do Iguaçu. Na linha Sociedade, Cultura e Fronteiras. Professora de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e da rede estadual de Educação Básica. *E-mail:*

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR), Professora adjunta do Centro de Educação, Letras e Saúde (CELS) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/Foz do Iguaçu/Paraná. Docente do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação. Líder do Grupo de Pesquisa: Políticas de Ação Educativa, Avaliação, Mídias e Formação de Professores (PAMFOR) *E-mail:*

perception and expression, new sensibilities and writings. Within this context, this article aims at the interdisciplinary reflection about the pedagogical traits of movies, and takes audiovisual media as an expressive image of our time. Thus, starting from Michael Radford's 1984, based upon George Orwell's namesake novel, this paper intends to manage the debate between education and cinema. The referred literary work has the relevance of handling the different fields of knowledge through an interdisciplinary perspective. We understand that media products are historical registries of an epoch and, therefore, may uncover values and cultural meanings, which further contribute to unveil society. Then, we ask: do films pedagogically contribute to a critical comprehension of reality? Through this pathway, word and image dialectics are set in a constant structure of the signs a given culture gathers around itself, in such a way that a plot schemed in pages can translate intersemiotically into colors, sounds, images, light and shadow. This paper has theoretical roots on Cultural Studies, and emphasizes non-central media, such as cinema when it enters classroom environments, and Literature itself, as a cultural object which advocates knowledge and education. Methodologically grounded on bibliographic research and film analysis, this essay describes a filmic approach to education. As a result, we problematize humane issues, which, draped inside fictional allegories, tend to unveil the real world, aiming at transforming it.

**Keywords:** Teacher formation. Cinematographic media. Interdisciplinarity

**Resumen:** La lectura contemporánea de la realidad social es más que nunca mediada por los medios que comunican de diferentes maneras, y eso contribuye para ampliar la necesidad de inserir estos en la educación. Es decir, la tecnología se refiere hoy, no a algunos aparatos, sino a los nuevos modos de percepción y de lenguajes, nuevas sensibilidades y escritos. En este contexto, el presente artículo tiene como objetivo la reflexión interdisciplinaria sobre el carácter pedagógico de la producción cinematográfica, y comprende los medios audiovisuales como una imagen expresiva de nuestro tiempo. Por lo tanto, teniendo como referencia a la película "1984", derivada de la novela homónima de George Orwell (1903-1950), pretende pautar el debate entre la educación y el cine. Esta obra literaria tiene la relevancia de permear los diferentes campos del conocimiento en una perspectiva interdisciplinaria. Con la premisa de que los productos de los medios son los registros históricos de una época, y por lo tanto pasibles de ser visto como reveladores de valores y significados culturales, que contribuyen a desvelar la realidad. Entonces nos preguntamos: ¿Los medios cinematográficos contribuyen pedagógicamente para comprender críticamente la realidad? En este camino la dialéctica de la palabra y la imagen está configurado en una estructura constante de signos relacionados a la cultura en su entorno, de modo que la trama tejida en el papel se puede traducir intersemioticamente en color, sonidos, imágenes, luces y sombras. El aporte teórico de este artículo tiene como base axiológica los estudios culturales, que enfatiza objetos de las márgenes, como el cine adentrando el espacio educativo y en el aula, y la literatura en sí, como un objeto de la cultura preconizador del conocimiento y de la educación. La metodología está basada en la investigación bibliográfica y el análisis filmico, buscando pautar este acercamiento entre los medios cinematográficos y la educación. Como resultado, se problematizan cuestiones humanas, que bajo la apariencia de alegorías de ficción tienden a descubrir el mundo real, con el fin de transformarlo.

**Palabras clave:** Formación del profesorado. Medios cinematográficos. La interdisciplinarietà.

## Introdução

Apresentar a mídia cinematográfica como possibilidade pedagógica e aproximá-la de forma crítica à educação e a escola é objeto desse estudo, oriundo de pesquisas com professores e professoras da Educação Básica. Em nossas propostas junto à formação dos nossos pares temos sido constantemente desafiadas a pautar esse debate e promover ações que aproximem e desmistifiquem a tecnologia e suas mídias como aparato meramente instrumental. A ideia ainda fortemente veiculada e mesmo presente na maioria das

propostas de formação docente tendem a treinar peritos disciplinados como argumenta Canclini (2008).

Nessa perspectiva Moraes (2013) em sua pesquisa sobre um programa de formação para o uso da mídia na escola, expressa a necessária ampliação do debate no sentido de desvelar a realidade e apreender a mídia e suas possibilidades a nosso favor, portanto como instrumento pedagógico que contribui fundamentalmente para a organização do trabalho docente com repercussão além da escola, na vida.

Assim, ancoradas epistemologicamente nos Estudos Culturais (EC) nos propusemos o desafio de articular essas interfaces, mídia; educação e escola, ampliando suas possibilidades, lembrando que o/a professor/a é autor de sua ação, portanto precisa elencar suas prioridades formativas, não sendo necessário que nenhuma pessoa alheia a sua profissão pense a sua formação.

Nossa referência de pesquisa, foi a obra cinematográfica intitulada “1984”, oriunda da obra literária homônima de George Orwell (1903-1950), cujo objetivo foi pautar o debate entre a educação e o cinema. Essa obra literária tem a relevância de perpassar os diferentes campos do saber numa perspectiva interdisciplinar. Com a premissa de que os produtos da mídia são registros históricos de uma época, e, portanto, passíveis de serem vistos como reveladores de valores e significados culturais, que contribuem para desvelar a realidade. Com isso problematizamos: A mídia cinematográfica contribui pedagogicamente para compreender a realidade criticamente? Por essas sendas a dialética da palavra e da imagem configura-se numa constante estrutura dos signos que uma cultura reúne à sua volta, de maneira que a trama urdida no papel possa traduzir-se intersemioticamente em cores, sons, imagens, luz e sombra. Embasada metodologicamente nas bases da pesquisa bibliográfica e análise fílmica, pautamos essa aproximação entre a mídia cinema e a educação. Como resultado, nossa intenção como formadoras de professores/as é de problematizar questões humanas, que na roupagem das alegorias ficcionais, tendem a descortinar o mundo real, com vistas a transformá-lo.

### **A mídia cinematográfica: interlocuções teóricas**

Morin (2011, p. 55), expressa que “a maior contribuição do conhecimento do século XX, foi o conhecimento dos limites do conhecimento”. No ideário do autor, o conhecimento científico moderno é um conhecimento desencantado e triste, porque reduz o humano.

Destacamos o pensamento de Levy (2000, p. 24) quando expressa que é impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens, por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Nas palavras do autor “as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura que convivem no ciberespaço, lugar de comunicação e sociabilidade, onde se cria uma nova modalidade de contato social que extrapola os limites naturais de espaço e tempo”.

Corroboramos Brito (2008, p. 23), quando postula que todos os dias misturamos vida e educação. A educação como as demais organizações, está sendo muito pressionada por mudanças. A autora defende que no atual momento, todos devemos (re)aprender a conhecer, a comunicar, a ensinar, a integrar o humano e o tecnológico. Estamos, sem dúvida, vivendo um momento histórico de rápidas transformações, por isso se faz necessário desenvolver uma educação inovadora que permita ao aluno/a elaborar soluções autônomas, de maneira criativa. Os alunos/as necessitam muito mais que informações e técnicas repetitivas.

Assim, Luzzi (2011, p.124), sintetiza que: “há que se desenvolver estilos de pensamento metacognitivos, complexos, aberto às incertezas e às mudanças constantes, para dar conta de um mundo em constante transformação”. Neste contexto, este artigo objetiva problematizar e ainda promover reflexões pedagógicas interdisciplinares acerca da inserção teórico-prática da Pedagogia da Imagem e suas mídias, com vistas à consequente ressignificação da prática docente e o seu fazer educativo, tendo como referência o filme “1984”. Trata-se de compreender que os produtos da mídia são registros históricos de uma época, e, cruzam fronteiras simbólicas, geográficas, políticas, sociológicas e principalmente culturais. Portanto, passíveis de serem percebidos como reveladores de valores e significados culturais.

Para além do entretenimento, o que também é possível, a mídia cinematográfica pode ser compreendida como material didático, como fonte de informação, como registro histórico de uma época e também como instrumento ideológico que auxilia na construção das identidades individuais e coletivas. O aporte teórico está alicerçado no campo axiológico dos Estudos Culturais, cujas bases estão assentadas na interdisciplinaridade. Um campo teórico, que enfatiza objetos das margens, como o cinema adentrando o espaço hegemônico da sala de aula, e a literatura em si, como objeto da cultura preconizador do conhecimento da educação, da política, antropológica, sociológica, psicológica e especialmente artística.

Sob a base interdisciplinar é possível aos professores/as do século XXI, integrar modos de pensar das várias disciplinas para produzir um avanço ou salto qualitativo do conhecimento a um patamar que seria impossível ascender por meios disciplinares. Como embasamento metodológico, essa investigação, utiliza revisão bibliográfica e análise fílmica, de maneira a construir, no entrelaçamento das teorias, o pensamento interdisciplinar, como elemento articulador na superação da fragmentação dos conhecimentos. O resultado problematiza o ensino pelas telas como configuração pedagógica, uma relação entre diferentes linguagens e compreensão do atual cenário tecnológico e informacional, originando novas formas de simbolização e representação dos conhecimentos compartilhados.

Para melhor compreensão, este artigo está organizado didaticamente da seguinte forma: num primeiro momento, apresentamos uma discussão teórica envolvendo os temas Cinema, Literatura e os Estudos Culturais, cujas bases estão assentadas na interdisciplinaridade. Em seguida, elencamos a contribuição teórica da Pedagogia da Imagem (DELEUZE, 1985) cruzando as fronteiras da escrita. Por fim, propomos reflexões e possíveis análises interdisciplinares da obra cinematográfica intitulada *1984* (1948), de George Orwell (1903-1950).

### **Estudos culturais, cinema e literatura: reflexões pedagógicas**

Rushdie (2002), em seu artigo *Cruze esta Linha: Discursos sobre Valores Humanos*, expressa que “em nossa natureza mais profunda, somos seres que atravessam fronteiras”. No ideário do autor, a jornada nos cria e quando cruzamos as fronteiras, nos transformamos. Acrescenta ainda que a ideia de superação, de romper as fronteiras que nos prendem e superar os limites de nossa própria natureza, está no centro de todas as histórias de busca, ou seja, a fronteira é uma linha fugidia, visível e invisível, física, metafórica, simbólica, amoral e moral. (RUSHDIE, 2002, p. 342). Conceituar o termo fronteira, não é tarefa fácil, pois além de seu significado mais comum, ou seja, de demarcação de limites geográficos, pode também ser entendida no seu conceito metafórico de fronteira simbólica. Para explicitar nossas reflexões e análises neste artigo, elencamos o conceito de fronteira como lugar de hibridismo cultural, proposto por Albuquerque (2010) para estabelecer interlocuções com o chamamento imperativo de uma formação de professores/as interdisciplinar, tanto inicial como continuada.

Pensando o conceito de fronteira como lugar de hibridismo cultural, é necessário pensar a cultura pela ótica do movimento teórico interdisciplinar e contribuição dos estudos culturais. Para Cevasco (2003), em sua obra intitulada *Dez lições sobre Estudos Culturais*, a autora expressa várias maneiras de abordar as relações entre os Estudos Culturais e literários. Analisa que essa relação pode ser do ponto de vista histórico, da formação dos estudos de cultura, a partir de obras de pensadores que eram primordialmente críticos literários.

Nossa pesquisa, ao envolver a inserção da mídia cinematográfica nas salas de aula, e na escola, tem o intuito de contemplar as disciplinas que compõem a matriz curricular, uma vez que a proposta de intervenção pedagógica, de formação contínua para os professores/as, é primordialmente interdisciplinar. Considerar a efetiva inserção da mídia no campo educacional exige um redimensionamento do currículo no sentido de uma formação ampla e plural. No que tange a formação dos professores/as é necessário tempo e espaço para que ocorra de forma interdisciplinar, já que urge compreender novas formas de aprendizagem.

As diversas mídias, tais como a Tv, rádio, computador, cinema e mesmo a mídia impressa e virtual configuram na contemporaneidade novas formas de comunicação que extrapolam fronteiras e revelam possibilidades sociais de participação e por que não dizer de emancipação. Nesta perspectiva, o livro como uma mídia impressa, torna-se mídia cinematográfica, ou seja, “o livro vai para a tela.” (NICODEM, 2013, p.24). Com base nestas reflexões, Durkheim *apud* Morin (2011, p. 47) postula que: “o objetivo da educação não é o de transmitir conhecimento, sempre mais numerosos ao aluno, mas o de criar nele um estado interior e profundo.” Corroboramos o autor ao analisar que esse estado interior e profundo pode ser criado pelo professor/a comprometido com uma formação atual que privilegie o humano, relacionando-se com os conteúdos disciplinares, de maneira interdisciplinar. Neste sentido, a mídia cinema contribui para aprendizagem ao configurar-se na pedagogia da imagem (DELEUZE, 1985). Neste escopo, a Literatura sendo um componente pedagógico propicia reflexão acerca da sociedade à nossa volta, integrando a mídia cinema com todo seu potencial didático. Assim, os Estudos Culturais tratam do contexto e nossa pesquisa justifica-se pela necessidade de buscar alternativas que dialoguem com uma prática pedagógica interdisciplinar e atual, considerando a sociedade

cada vez mais digital, e o chamamento imperativo para que a sala de aula, bem como a escola possa configurar-se em um espaço rico de simbologia e dinamicidade.

Pensando na dialética da palavra/imagem, Netto (2011), expressa que as telas ensinam desde tempos imemoriais, de forma que a palavra tela no sentido mais lato designa não só o tipo especial de tecido ou pano empregado como suporte à pintura, mas toda uma ampla variedade de superfícies com representações visuais fixas ou móveis de todos os tipos. Assinala o autor, que ao longo de toda a história da humanidade, a tela tem servido para concretizar propósitos de cunho religioso, artístico, recreativo, publicitário, comercial, industrial, social ou deliberadamente educativo. Com isso, intuímos que aprendemos e ensinamos por meio de telas desde tempos remotos.

Desde o século XIX, os progressos tecnológicos acrescentaram às antigas telas, com representações pictóricas permanentes, as telas brancas para as imagens transitórias e móveis do cinema, da televisão e do computador. Assim, Berger *apud* Netto (1979, p. 98), postula que: “tela é ao mesmo tempo, o lugar e o agente da mediação entre a fonte de informação e o ser humano que recebe as mensagens originadas dessa fonte”. Importante ressaltar que esses ingredientes (luz, cor, som, imagem) não estão presentes na obra escrita, são subjetivamente constituídos pelo leitor no momento em que procede à leitura da obra no papel ou no computador. Ao se transformar em espectador da tela (mídia cinematográfica), articula-se outro processo de significação e de processos interpretativos metafóricos e audiovisuais que não estão presentes na obra escrita.

Corroboramos Nicodem (2013), quando expressa que, na leitura da obra literária, o aluno/a vai adicionar o que percebeu na obra cinematográfica: o que viu, ouviu e sentiu. Estabelece relações entre as duas modalidades de leitura (escrita e midiática), ao mesmo tempo em que usufrui da percepção imagética e sonora, dotando de subjetividade e imaginação o que elabora. Assim, nossa investigação prevê a inserção da mídia cinematográfica na sala de aula com o apoio de obras significativas que dialogam de forma interdisciplinar e contextualizada com as diversas áreas do conhecimento. Constituindo, assim, em um fazer pedagógico que inspira à medida que problematiza, elabora as interpretações, busca solução e define diretrizes de ação, como também fruição estética independente de sua modalidade de leitura.

Ao direcionarmos a percepção epistemológica para o estudo da cultura, se faz necessário mencionar as mudanças educativas provocadas pelas mídias e as novas

tecnologias, Gómez (2001, p. 96) preconiza que “entre as mudanças que se introduzem na educação, talvez, a da autoridade, seja a mais importante, pois envolve diversas facetas. Uma, diz respeito ao professor/a tido como autoridade central no processo de ensino e aprendizagem, e a própria mudança da aprendizagem na escola e na vida, por influência das “telas”. Nesta perspectiva, Rojo (2013) em consonância com Gómez (2001) expressa que a contemporaneidade e, sobretudo, os textos e enunciados contemporâneos propõem novos desafios aos letramentos e às teorias.

Nessa investigação, especificamente a abordagem se dá na interface da aprendizagem das mídias em consonância com a formação dos professores/as em uma perspectiva de formação que cruze a fronteira dos paradigmas que concebem conhecimento de formas diversificadas. Diante desta tomada de posição, há que ser explicitado, mesmo que brevemente, como os Estudos Culturais compreendem *cultura*. Moraes (2013, p.91), em relação à cultura toma como orientador o expresso por Williams (2007) quando alinha seu sentido como arte, literatura, pintura, escultura, música e cinema.

Os Estudos Culturais têm caráter interdisciplinar, cuja palavra-chave é *inclusão*<sup>3</sup>, e há todo um movimento de pensar a cultura como organização plural dos significados e dos valores construídos historicamente pela sociedade, bem como um campo de luta, onde esses significados possam ser problematizados. Neste escopo, Moraes (2013), ancorada em Williams (2007) apresenta a palavra cultura, como ampla de significados, e com isso, de difícil definição. Entre seus aspectos, perpassa a ideia de cultivar, proteger. Desde sua gênese, o sentido de cultivo e cuidado está presente em todos os seus usos. Cultura refere-se sempre a processo, cuidado com algo, basicamente com as colheitas e com os animais. Entretanto, essa palavra é refinada e assim, o sentido mais difundido se aproxima das artes, da música, do teatro e do cinema. Dicotomizando o termo entre a alta cultura e a cultura popular.

Para (Cevasco, 2003, p.110) em consonância com Williams: “em educação, o esforço deve ser o de promover um **letramento cultural**<sup>4</sup>: abrir a possibilidade para que todos detenham o poder de interpretar e de usar criativamente signos e formas de organização da cultura”. Esses componentes, acrescidos à arte literária e cinematográfica, promovem bela e importante interação, uma vez que a literatura é uma forma de conhecimento da realidade

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.

<sup>4</sup> Grifo da autora.

que se serve da ficção e tem como meio de expressão, a linguagem artisticamente elaborada. (D'ONOFRIO, 1990, p. 9)

### **A pedagogia da imagem cruzando as fronteiras da escrita**

Ao pensar a pedagogia como uma imagem que perpassa a tela e cruza fronteiras, demarcamos a fundamental importância da educação, e mais especificamente da problematização em torno da formação docente. A pedagogia considerada como a ação real da prática educativa que contornada pela mídia escreve uma nova possibilidade. Albuquerque (2010, p. 54) “o conflito na fronteira não é armado, é o choque cultural, ideológico”. Segundo o autor, a tradição cultural polemiza as tradições culturais inventadas e desafia o mundo pós-colonial. O hibridismo e a diferença cultural aparece para muitos autores como uma forma de luta teórica e política diante dos discursos homogêneos da nação. Os estudos de fronteira como espaços híbridos de saber e poder contribuem para ampliar o entendimento das experiências sobre a dinamicidade das relações sociais nas fronteiras. Neste sentido, para dialogarmos com o conceito de fronteira a que nos propomos, buscamos ancorar nossas ideias em Myskiw (2005), Martins (2009), Albuquerque (2010), especificamente enfocaremos o artigo de Michel Pollak, intitulado *Memória, Esquecimento, Silêncio*, cujo texto articula-se com nossa proposta de análise do filme *1984*, de Orwell.

Myskiw (2005) preconiza que a fronteira precisa ser observada como agente histórico que não se resume às suas delimitações geográficas. Ao nos remetermos à análise fílmica da obra selecionada, “1984” (1948), de George Orwell (1903-1950), o conceito de fronteira perpassa todo filme, iniciando pela fronteira simbólica de negação dos direitos básicos do ser humano, todos violados de maneira brutal, fisicamente e psicologicamente. Seu protagonista Winston Smith tenta cruzar as diversas fronteiras que se apresentam, a da política, chefiada pelo Partido Comunista (alusão à Revolução Russa e a figura do ditador Stalin), a histórica, porque sua função era reescrever a História, apagando definitivamente marcas do passado. Fronteira econômica, devido à miséria que imperava na Oceânia, local fictício onde se passa o filme/obra. E principalmente cruzar as fronteiras da memória, uma vez que não havia registro histórico e que os detratores do regime implantado que ousassem rebelar-se contra o “Big Brother”, nome sugestivo no qual era chamado o chefe do partido,

eram punidos severamente até “esvaziarem-se” de ideias e memórias consideradas perigosas e subversivas.

Ao encamparmos a mídia cinema como recurso pedagógico, novamente demarcamos a possibilidade educativa para além de mero treinamento, uma nítida observância do prescrito por Myskiw (2005), de que o cinema na sala de aula e no espaço escolar, tem a efervescência de ultrapassar as fronteiras, geográficas, históricas e políticas, possibilitando desvelamentos. Pois como preconiza Morin (2011, p. 48) ao enfatizar que: “Literatura e Cinema devem ser considerados, não apenas, nem principalmente, objetos de análises gramaticais ou sintáticas, mas também, escolas de vida, em seus múltiplos sentidos”. Nesse escopo, objetivamos por meio do ensino de literatura e do cinema no espaço escolar, problematizar questões humanas, que na roupagem das alegorias ficcionais, descortinam o mundo real.

Neste contexto pleno de mudanças e rupturas, Martín-Barbero (2012, p.54), referindo-se à contemporaneidade, expressa: “a tecnologia remete hoje, não a alguns aparelhos, mas, sim, a novas sensibilidades e escritas”. Escritas que, não necessariamente precisam estar no papel, pois como assinala Chartier (2012, p.6), “as telas do computador, também são telas de texto”. O autor acrescenta ainda, que é papel da escola ensinar aos educandos/as que existem diferentes formas de ler para diferentes necessidades. Ao optarmos pela escolha desse filme, já apresentado, a ideia foi a de estabelecer um possível diálogo interdisciplinar com a formação de professores/as, e isso não é uma escolha aleatória, essa importante obra cinematográfica, traz à luz questões éticas, políticas, filosóficas, psicológicas e estéticas que inquietaram a alma humana no período conturbado pós a Segunda Grande Guerra. E continuam a inquietar ainda hoje, em pleno século XXI, graças a sua atemporalidade, marca registrada das obras que atravessam o tempo e o espaço. No sentido de materializar a trama urdida no papel, entra em cena a intersemiótica, tudo que diz respeito a mais de um meio, mais de uma semiose. Uma tradução intersemiótica, portanto, é uma tradução de uma coisa em um meio para outro. A própria tradução, é um processo de recriação ainda mais ousada e complexa. Cattrysse *apud* Nicodem (2013) postula que novos meios de comunicação preconizam novos meios de processamento de mensagens e de tradução, portanto, reflexões sobre as práticas utilizadas para a tradução se apresentam a cada dia mais prementes. Uma percepção que depende desse movimento entre a obra literária e a

cinematográfica é de que a primeira passa por um processo de resignificação, enquanto a segunda recebe os ecos de sua ação resignificatória. (NICODEM, 2013, p. 30).

Quem primeiro define, na história, uma tradução intersemiótica, é Jakobson (2000) que a apresenta como transmutação ou interpretação de signos verbais em signos não verbais, ou vice-versa. Nessa leitura de educação visual, acreditamos que a pedagogia da imagem (DELEUZE, 1985), tem muito a acrescentar ao trabalho pedagógico no campo da escola.

A educação necessita de sentido e os educadores precisam acreditar em si, nos valores que defendem, ou seja, ter convicção de suas ideias. Assim tornam-se primordiais a formação e a transformação, que deve estar aberto as mudanças, aos novos paradigmas, os quais obrigarão a aceitar as diversidades, as exigências impostas por uma sociedade que se comunica através de um universo cultural cada vez mais amplo e tecnológico (BRITO, 2008, p. 29).

Para tanto, a formação docente e a sensibilidade que deve marcar essa formação tende a atravessar fronteiras e entrelaçar-se aos fundamentos que solidificam suas ações em consonância com nossa época.

### **Desvelando fronteiras e (des)construindo memórias no filme “1984”**

Para Pollak (1989, p. 4), em seu artigo *Memória, Esquecimento, Silêncio*, ao analisar a memória coletiva, expressa que: “há na memória não apenas seletividade, mas também um processo de negociação para conciliar memória coletiva e memórias individuais”. Esse pensamento de Pollak, articula-se para analisar e refletir acerca da (des)construção de memórias no filme *1984* (1949), de George Orwell (1903-1950). O filme a que nos propomos analisar e estabelecer possibilidades pedagógicas interdisciplinares, partindo da intersemiótica (JAKOBSON, 2000) e da Pedagogia da Imagem (DELEUZE, 1985) é o do ano de 1984, dirigido por Michael Radford (1946-) que mais fidelidade conserva à obra literária que originou o filme. A trama ficcional de Orwell, projeta uma sociedade submetida a um Estado totalitário, policialesco e manipulador, mantido pelo Partido Socialismo Inglês – Ingsoc, que conduz a sociedade através do lema “Guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força”. Essa nação fictícia está estabelecida em um território denominado Oceânia, na localidade conhecida como Pista Número 1, que, supõe-se, compreende a Inglaterra, uma vez que a história transcorre em Londres.

O Estado controla integralmente a vida dos cidadãos e utiliza-se de diversos mecanismos para perpetuar a sua ideologia. Neste sentido, Pollak (1989) assevera que ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral e por extensão, a literatura, ressaltaram a importância de memórias subterrâneas, o que no ideário do autor, é parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, e se contrapõem à memória oficial. Assim, o filme selecionado destaca a destruição da memória antiga e seu protagonista Winston Smith tinha a tarefa de reescrever a História, apagando todos os vestígios de memórias coletivas anteriores e contrárias ao Partido dominante. O Partido conseguiu incutir nas pessoas a sensação de que é onipresente, pela difusão da imagem de seu líder máximo, o Grande Irmão, em cartazes espalhados pelas cidades, e onisciente, pela presença maciça das teletelas. A reorganização social foi alcançada e é mantida através de vários sistemas. Uma dessas formas é a gradual destruição do idioma nativo, Anticlíngua – e sua substituição pela Novilíngua tem um objetivo estratégico. A partir disso, palavras e frases capazes de construir qualquer discurso anti-governo seriam banidas. O seu objetivo final é tornar impossível a elaboração e a expressão de qualquer pensamento contrário ao regime.

Outro aspecto imaginado por Orwell em 1984 é o “duplipensar”, um método de “controle da realidade” que permite alterar, por exemplo, a história, negando e inventando acontecimentos e eliminando qualquer memória coletiva e individual e qualquer referência a qualquer coisa que entre em conflito com as concepções do Partido: “O que agora era verdade era verdade do sempre ao sempre”. Era bem simples. Bastava apenas uma série infinda de vitórias sobre a memória. Controle da realidade, chamava-se. Ou, em Novilíngua, “duplipensar” (p.36). Winston Smith, funcionário do Departamento de Documentação do Ministério da Verdade, um dos quatro ministérios que governam a Oceânia. Sua função é falsificar registros históricos, a fim de moldar o passado à luz dos interesses do presente tirânico (prática, aliás, comum na União Soviética). Neste interesse do Partido em apagar memórias ou não deixar que venham à tona, para além da ficção, está a realidade de muitos que vivenciaram as atrocidades do período estalinista. Pollak (1989, p. 5) em seu artigo *Memória, Esquecimento, Silêncio*, aponta que:

essa memória proibida e, portanto clandestina, ocupa toda cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade

civil e a ideologia oficial de um partido e de um estado que pretende a dominação hegemônica.

Tanto nas telas do cinema, quanto na vida real, a opressão era física e mental. A Polícia das Ideias atuava como uma ferrenha patrulha do pensamento. Relações amorosas estavam entre as muitas proibições. Nesse cenário de submissão, onde não há mais leis, mas sim inúmeras regras determinadas pelo Partido, ninguém nunca viu o Grande Irmão em pessoa. Um toque de genialidade de Orwell: o tirano mais amedrontador é também aquele mais abstrato. Winston detesta o sistema, porém evita desafiá-lo além das páginas de seu diário, onde registra suas memórias. Isso muda quando se apaixona por Júlia, funcionária do Departamento de Ficção. O sentimento transgressor o faz acreditar que uma rebelião é possível. Mas combater o regime não é nada fácil. Enredada numa trama política, a "reeducação" dos amantes será brutal. *1984* (1948), é sem dúvida uma das obras mais influentes do século XX. Um clássico moderno que suscita questões políticas, éticas, estéticas, históricas e filosóficas que marcaram o período entreguerras, e suas consequências perduram até os dias de hoje. Publicada em 1949, quando o ano de 1984 pertencia a um mundo relativamente distante. É a profecia de um homem doente sobre o futuro (Orwell estava morrendo de tuberculose quando escreveu), e com sua imagem de pesadelo de um mundo totalitário, ajudou a criar uma nova série de mitos. Entre eles, o eterno ditador, o “Grande Irmão”, que imortalizou a frase: “ O Grande Irmão está de olho em você”. Gottlieb *apud* Kopp (2011) destaca que a manutenção dessa figura poderosa se articula através de um estado permanente de guerra engendrado pelas três grandes nações de 1984. É assim que as populações são mantidas escravizadas, desnutridas. Essa figura é representada pelo Grande Irmão que:

usa a máscara do protetor benevolente e salvador e o Ministério da Verdade fabrica as mais sofisticadas mentiras de propaganda para provar que ele é benevolente e infalível. Para prevenir que as pessoas comprovem essas mentiras flagrantes, a Polícia do Pensamento intimida os “pensamentos criminosos” com a ameaça dos julgamentos e interrogatórios do Ministério do Amor (GOTTLIEB *APUD* KOPP, 2011, p. 169).

Inspirado no ditador Josef Stalin (1879-1953) que governou a extinta União Soviética, a figura do Grande Irmão representa toda opressão materializada nas teletelas, que além de

vigiar os trabalhadores, também os escutava, devassando toda sua privacidade (o que na realidade, não existia), preocupação que afligia Orwell, ao denunciar os abusos cometidos pelo Partido, denunciava também as atrocidades cometidas pelos regimes totalitários. Enfim, Orwell demonstra toda distopia de um futuro sem esperanças, marcados pelo horror do período entreguerras. Nesta perspectiva, o artigo de Pollak (1989, p. 8) encerra a “alma” do filme quando postula que:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.

Nesta obra, que o cinema magistralmente encenou e conseguiu traduzir intersemioticamente, em cores, luz, som e imagens, e que proporciona grandes debates envolvendo os vários campos do saber à medida que vamos contextualizando História e Literatura, vamos também proporcionado aos educandos/as por intermédio do cinema no espaço escolar, reflexões e leitura crítica da realidade circundante. Neste contexto, e na contramão de Orwell, estão os atuais “reality Shows”, batizados com o nome sugestivo de “Big Brother”, os quais exploram a invasão da privacidade, concretizando aquilo que Orwell alertava, a perda da nossa individualidade e incitando cada vez mais o hedonismo em uma sociedade que parece se comprazer em assistir à cenas de intriga, delação, traição e erotismo, enquanto parece hipnotizada pelo verbo “espionar”, um eufemismo para vigiar, possivelmente alienada do show da vida real.

Questionamo-nos onde está a importância da formação neste contexto, do uso dessa mídia como contributo eminentemente pedagógico (MORAES, 2013) a resposta perpassa a defesa de uma formação de professores/as que elenca a inserção e o conhecimento da mídia como aparato que pode contribuir para o desenvolvimento da ação didático-pedagógica na escola. É preciso mais do que treinar, formar, não queremos o que Canclini (2008) assevera treinar peritos disciplinados. Urge materializar práticas disciplinares em que a solidariedade seja um dos pontos de partida e chegada para além de práticas de tergiversação. Acreditamos, e este artigo demonstra um pouco, de que o cinema pode constituir-se em um poderoso instrumento pedagógico que auxilia a desvelar e revelar a realidade compreendendo-a historicamente situada.

## Considerações Finais

A sociedade contemporânea traz desafios urgentes à educação escolar, e aos professores/as do século XXI, representantes legítimos do movimento dialético que comporta o processo que envolve o ensino e a aprendizagem nos tempos atuais. Um cenário marcado pela efemeridade, por rupturas, transformações velozes, alteração em nossa percepção de tempo e espaço. Neste amplo contexto de significações, é imperioso responder ao chamamento para novas práticas pedagógicas que contemplem a inserção teórico-prática das mídias e suas tecnologias no espaço escolar, por exemplo. Encampamos aqui a mídia cinematográfica como um importante material didático e fonte documental que possibilita visitar constantemente os saberes de diferentes épocas, bem como permite comparações com a atualidade de maneira a contemplar os diversos campos do saber dispostos no currículo escolar. Para Barbosa *apud* Nicodem (2013, p. 42) “o cinema é a sétima arte e inclui todas as outras”.

Nesta premissa, o cinema no espaço escolar pode propiciar o pensar e o agir criativamente em um exercício potencial criador e imaginativo, faculdades inerentes ao ser humano. Portanto, é função do professor/a, e da escola, por extensão, mediar o conhecimento crítico contribuindo com o educando/a para novas escritas e novas sensibilidades a partir da cultura audiovisual, de maneira a ressignificar sua ação didática em sala de aula, com uma possível e importante repercussão fora dela. Para que isso se concretize, é fundamental que o professor/a do século XXI compreenda seu papel de problematizador do conhecimento humano. Nossa defesa, e a experiência com os pares, prova isso, é de uma formação contínua de professores/as que tenha início e não tenha fim, pois ocorre ao longo da vida. Acreditamos que quanto mais se impõe a tecnologia no campo da escola e da sociedade, mais necessária é a figura humana do professor/a, como articulador dessas novas possibilidades de interlocução com o conhecimento e solidariamente com os educandos/as.

## Referências

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.

BRITO, Gláucia da Silva e PURIFICAÇÃO, Ivonéliada. **Educação e Novas Tecnologias: um re-pensar**. Curitiba: Ibpex, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, Espectadores e Internautas**. Tradução: Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CHARTIER, Roger. O mundo que lê. **Revista Educação**. Editora Segmento, 2012.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais**. São José do Rio Preto: Editora Ática, 1990.

GÓMEZ, Orozco Guillermo. Comunicação Social e Mudança Tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.81-98.

JAKOBSON, Roman. **Aspectos linguísticos da tradução**. In: VENUTTI, Lawrence (Ed.). **The translation studies reader**. London: Routledge, 2000.

KOPP, Rudinei. **Comunicação e mídia na literatura distópica de meados do século 20: Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) Pontifícia Universidade Católica do Rio, 2011.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUZZI, Daniel Angel; PHILIPPI, Arlindo Junior. Interdisciplinaridade, Pedagogia e Didática da Complexidade na Formação Superior. In: PHILIPPI, Arlindo Jr. e NETO, Antônio J. Silva (Eds.) **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação**. Barueri, SP: Manole, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Tecnicidades, Identidades, Alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no Novo Século. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.51-79.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2009.

MORAES, Denise Rosana da Silva. **O Programa Mídias na Educação e na Formação de Professores/as: limites e possibilidades**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Maringá-UEM, 2013.

MORIN, Edgar. **A Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 19ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MOSTAFA, Solange Puntel; NOVA CRUZ, Denise Viuniski (Orgs.). **Deleuze vai ao cinema**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2010.

MYSKIW, Antônio Marcos. Fronteira. In: **Dicionário da Terra**. Marcia Motta (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NETTO, Samuel Pfromm. **Telas que Ensinam. Mídia e Aprendizagem: do Cinema às tecnologias digitais**. 3 ed. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2011.

NICODEM, Maria Fatima Menegazzo. **A obra literária vai ao cinema:** um estudo da prática docente em literatura brasileira. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-graduação em Educação 2013.

ORWELL, George. **1984**. Tradução Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

POLLACK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, p. 3-15, 1989.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. In: (Org.). **Escola Conectada:** os multiletramentos e a TIC. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.

RUSHDIE, Salman. **Cruze esta linha:** ensaios e artigos (1992-2002). Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave:** um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

Recebido em: 11/05/2015  
Aceito em: 15/09/2015